



A agente do SEF (Isabel Ruth) desconfia de Maria (Maria de Medeiros); o interrogatório assume contornos dramáticos

Nem todos podem fazer uma 'Viagem a Portugal'

Cinema. Sérgio Tréfaut filmou a história de uma ucraniana interrogada no aeroporto

MARIA JOÃO CAETANO

Sérgio Tréfaut conheceu Tânia quando estava a fazer o filme *Lisboetas* (2004), documentário em que falava dos estrangeiros que viviam em Lisboa e o modo como a cidade os tinha ou não integrado. "A Tânia foi minha professora de russo", lembra. Um dia, num dos momentos mais descontraídos da aula, ela contou-lhe a sua história. De como tinha vindo da Ucrânia para se encontrar com o marido, de como foi retida no aeroporto de Faro durante um dia e uma noite, interrogada, revistada, maltratada e, finalmente, forçada a comprar um bilhete de avião "de regresso" a Moscovo. "Mas esse não é o meu país. A Ucrânia é um país independente. Porquê a Rússia? Já agora porque não me mandam para a China?", protesta a personagem inspirada em Tânia em *Viagem a Portugal* (estrela-se hoje). Tânia foi mas voltou, por terra, um ano depois. E ainda mora em Portugal. "Percebi imediatamente que queria contar esta história num filme e que não a iria contar num documentário", explica Tréfaut. Para a sua primeira longa-metragem de ficção, o realizador desafiou a atriz com quem já tinha trabalhado na curta *Alcibíades* (1992), Maria de Medeiros. Ela é Maria, a ucr-

fala português e só diz em palavras em francês e não percebe o que se passa à sua volta. Isabel Ruth interpreta a inflexível agente do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) que desconfia daquela ucraniana "vestida com uma boneca" e casada com um senegalês "retinto". Será um caso de prostituição? E nem ao ver o apaixonado abraço do casal – o marido é Makena Diop – se convence do contrário.

Num aeroporto vazio e silencioso, com longos corredores e portas fechadas, só se ouvem os gritos da transexual brasileira detida pelo SEF. Gritos a que ninguém acode. Sérgio Tréfaut reconhece a inspi-

ração em Richard Avedon, o fotógrafo norte-americano conhecido pelos seus retratos a preto e branco. O ecrã de *Viagem a Portugal* também só tem preto e branco. Ou só branco. Ou só preto. Planos com rostos isolados. Fundos lisos. "O objectivo aqui foi eliminar tudo o que fosse acessório. Queria que os espectadores se concentrassem nas personagens. E, por isso, fiz um exercício de depuração até ficar só com o essencial: nas imagens e nas emoções", explica o realizador.

Essa busca pelo essencial passou por retirar coisas do ecrã mas também significou acrescentar,

quando Tréfaut achou que deveria ser acrescentado: "Em algumas cenas achei que era importante mostrar o outro lado e há uma duplicação", explica. "Vemos a mesma cena de dois pontos de vista diferentes." O resultado é um filme que, apesar de inspirado em factos reais, nada tem a ver com a estética dos documentários até aqui realizados por Tréfaut. "Procurei a abstracção", diz. Quase até se poderia falar de uma teatralização. "Sempre me interessou muito a distância brechtiana que não é mais do que um mecanismo de levar as pessoas a pensar. Não queria que as pessoas salsse da sala com a sensação de consolo, de quem já chorou e se emocionou. Têm que sair incomodadas. Este é um filme que se quer descarado e perturbador."

Um filme político, assumidamente. Para "agitar a sociedade", Sérgio Tréfaut quis fazer um filme sobre "os interrogatórios que ocorrem diariamente nos aeroportos, que são, no caso português, completamente secretos". "Acho fundamental que as instâncias de poder sejam questionadas", defende. E se, por um lado, "há um perpétuo abuso das instâncias de poder, que são impunes, fazem o que querem sem que ninguém as critique", por outro, a sociedade civil em Portugal é "cega, surda e"

PERFIL



SÉRGIO TRÉFAUT

► Nasceu no Brasil em 1965
 ► Dirigiu o Doclisboa Festival Internacional de Cinema e foi presidente da Apordoc (Associação Portuguesa de Documentários)
 ► Estreou-se como realizador em 1992 com *Alcibíades*

► Filho de pai português e de mãe francesa. Após um mestrado em filosofia na Sorbonne (Paris), começou a sua vida profissional em Lisboa, onde trabalhou como jornalista e assistente de realização. Tornou-se gradualmente produtor e realizador. Em 2004 estreou *Lisboetas*, documentário sobre os imigrantes que vivem em Lisboa, vencedor de vários prémios, entre os quais o de Melhor Filme Português no Indie Lisboa desse ano. Outro documentário premiado, *A Cidade dos Mortos*, estreou-se já este ano.